



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – ESPANHOL

MARTA MICKAELE ALMEIDA ARRUDA

REFLEXÕES ACERCA DO LIVRO AVES EXÓTICAS DE REINA ROFFÉ:
(SOBRE)VIVER O EXÍLIO

MONTEIRO/PB

2020.2

MARTA MICKAELE ALMEIDA ARRUDA

**REFLEXÕES ACERCA DO LIVRO AVES EXÓTICAS DE REINA ROFFÉ:
(SOBRE)VIVER O EXÍLIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto à coordenação do curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado(a) em Letras Espanhol.

Linha de Pesquisa: Teoria e Crítica Literária.

Orientador (a): Maria Luana Caminha Valois

MONTEIRO/PB

2020.2

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A773r Arruda, Marta Mickaele Almeida.
Reflexões acerca do livro *Aves exóticas de Reina Roffé*
[manuscrito] : (sobre)viver o exílio / Marta Mickaele Almeida
Arruda. - 2021.
36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Luana Caminha Valois ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Exílio. 2. Literatura de autoria feminina. 3. Trauma psíquico. I. Título

21. ed. CDD 801.959

MARTA MICKAELE ALMEIDA ARRUDA

REFLEXÕES ACERCA DO LIVRO AVES EXÓTICAS DE REINA ROFFÉ:
(SOBRE) VIVER O EXÍLIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto à coordenação do curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos necessários para obter o título de Licenciado (a) em Letras Espanhol.

Linha de Pesquisa: Teoria e Crítica Literária.

Aprovada em: 11 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Maria Luana Valois

Profa. Me. Maria Luana Caminha Valois (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Cristiane A. S. Correia

Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Simone dos Santos Alves Ferreira

Profa. Me. Simone dos Santos Alves Ferreira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família e todos aqueles que estão presentes em minha vida constantemente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela jornada abençoada e por tantas pessoas maravilhosas ao longo do caminho.

À professora Maria Luana Caminha Valois, pela paciência e compreensão, por seus conselhos e orientações que me ajudaram na construção deste trabalho. Muito obrigada por sua dedicação.

À minha Mãe Maria Aparecida e ao meu Pai Miguel Marco, por me apoiarem e cuidarem sempre de mim. A minha vizinha Maria do Socorro por sempre torcer por mim, a minha tia Cléia pelas tantas conversas sobre educação e pelos mais diversos assuntos associados quando eu precisava. Às minhas primas Joseilma e Lígia pelas tantas contribuições ao longo desta caminhada, e à minha tia Vânia Arruda.

Agradeço à minha madrinha Rosa Amélia e ao meu padrinho Jorge Godoy por me acolherem em sua casa como uma filha e cuidarem de mim, e a Rose minha irmã de coração.

As minhas amigas Saynara e Viviane, que nunca me abandonaram, sempre apoiaram minhas escolhas e se fizeram presentes mesmo com a distância. À Karol, uma amiga que a universidade me presenteou, e que mesmo diante das nossas diferenças encontramos um equilíbrio, até nos trabalhos acadêmicos. Fomos uma dupla inseparável que os professores sempre trocavam os nomes.

Aos professores do Curso de Letras do Campus VI, que contribuíram ao longo dessa jornada, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento e crescimento como profissional.

Aos colegas e amigos de classe, pelos momentos de amizade e apoio.



“[...] una mujer afincada sólo en su mundo particular es una extraña para todos en todas partes.”

(Reina Roffé)

RESUMO:

Em função dos golpes militares na América Latina, a expatriação converteu-se em alternativa para prosseguir existindo. Conseqüentemente, intelectuais, jornalistas, ativistas, políticos, afetados pelo exílio seguiram cultivando através da escrita uma conexão com sua terra natal. Assim, a partir da obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004) da autora Reina Roffé, esta investigação se dedica a pensar, o exílio e suas reverberações, à luz de autores como Paloma Vidal (2004), Ángel Rama (1985) y Losandro Tedeschi (2016), que permitem construir diálogos entre a literatura de autoria feminina e o contexto em que elas estão inseridas, em nosso caso, a ditadura argentina. Deste modo, temos como objetivo apresentar uma análise das protagonistas da obra, construindo assim, desde a perspectiva da escrita de autoria feminina. Além disso, este trabalho colabora para que os leitores se aproximem do processo histórico da década de 1960 e do *boom* latinoamericano, facilitando a compreensão ao longo desta pesquisa. Juntos, os capítulos deste trabalho contribuem em direção ao entendimento da literatura como uma ferramenta para a construção de uma nova ética de responsabilidade e cuidado, ademais de ser aporte teórico para trabalhos posteriores desenvolvidos com a temática que movimentamos este estudo. Somado a isto, destacamos as vozes marginalizadas (da escritora e personagens), que contestam a historiografia oficial.

Palavras Chaves: Exílio; Trauma psíquico; Literatura de Autoria Feminina.

RESUMEN:

Debido a los golpes militares en América Latina, la expatriación se convirtió en una alternativa para seguir existiendo. En consecuencia, intelectuales, periodistas, activistas, políticos afectados por el exilio continuaron cultivando a través de la escritura una conexión con su tierra natal. Así, a partir de la obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004) de la autora Reina Roffé, esta investigación está dedicada a pensar el exilio y sus reverberaciones, a la luz de autores como Paloma Vidal (2004), Ángel Rama (1985) y Losandro Tedeschi (2016), quienes permiten la construcción de diálogos entre la literatura escrita por mujeres y el contexto en el que se insertan, en nuestro caso, la dictadura argentina. Así, pretendemos presentar un análisis de las protagonistas de la obra, construyendo así desde la perspectiva de la escritura de autoría femenina. Además, este trabajo ayuda a los lectores a acercarse al proceso histórico de la década de 1960 y el boom latinoamericano, facilitando la comprensión a lo largo de esta investigación. En conjunto, los capítulos de este trabajo contribuyen a la comprensión de la literatura como herramienta para la construcción de una nueva ética de la responsabilidad y el cuidado, además de ser un soporte teórico para el trabajo posterior desarrollado con la temática que trata este estudio. Sumado a esto, destacamos las voces marginalizadas (de la escritora y de las personajes), que desafían la historiografía oficial.

Palabras claves: Exilio; Trauma psíquico; Literatura de Autoría Femenina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONTEXTO-SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAL ARGENTINO PELA PERSPECTIVA DE ESCRITA DE AUTORIA FEMININA	12
1.1 ANOS 1960 E O BOOM: CONTEXTUALIZAÇÃO A PARTIR DOS FATOS TRANSCORRIDOS NA ARGENTINA	12
1.2 FRUTO PROIBIDO: ÀS MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA	17
2. REVERBERAÇÕES DO TRAUMA: PELA ESCRITA DE REINA ROFFÉ	23
2.1 O IMPERATIVO DO SILÊNCIO	23
2.2 A CAMINHADA SOLITÁRIA DO EXILADO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
BIBLIOGRAFIA	34

INTRODUÇÃO

Devido aos golpes militares na América Latina, o exílio tornou-se uma alternativa para seguir vivendo, por isso, muitas pessoas foram obrigadas a buscar lugares mais seguros. Grande parte dos afetados foram os intelectuais, jornalistas, ativistas, políticos, os quais, mesmo estando fora de seus países, ainda cultivavam relações com a sua terra natal, sendo a escrita uma das ferramentas para tal conexão. Uma das representantes dessa escrita exilada é Reina Roffé, uma jornalista argentina que relata, a partir de seus personagens, as reverberações do exílio.

Assim, a partir da obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004)¹, da referida autora², temos como objetivo analisar a realidade de personagens exiladas que não são mencionadas pela historiografia oficial. Por esse motivo, entendemos que através da literatura as duras realidades de sobreviventes ao imperativo do exílio são reveladas, tornando assim, a literatura hispânica um espaço para compartilhar realidades (ficcionalis e factuais) marginalizadas.

Vale ressaltar, ainda, que é um livro pouco conhecido pela comunidade acadêmica brasileira, foi traduzida do espanhol - idioma original de publicação - para o italiano, por Giovanna Ferrando³, e esteve sob supervisão do professor e tradutor Luiz Dapelo⁴ que escreveu a introdução da compilação publicada pelo Editorial Poiesis, como também para o

¹ Em 2011 saiu uma segunda edição do livro (também em espanhol), chamado *Aves exóticas: cinco cuentos con mujeres raras. Y uno más*. Nesta, a autora inclui um novo conto intitulado *La madre de Mary Shelley*. Mas, vale ressaltar, que escolhemos a versão de 2004 para este estudo, por abarcar um grande teor literário e conter material teórico suficiente para investigação em abundância.

² A qual tivemos contato através da disciplina intitulada *Crítica Literaria Latinoamericana Contemporánea* que nos ajudou a refletir as questões sobre a escrita de autoria feminina e exílio.

³ Giovanna Ferrando é formada em Tradução Literária pela Universidade de Gênova. Sua tese da licenciatura foi a tradução sobre *Aves exóticas: Cinco cuentos con mujeres raras*, e se especializou com um trabalho sobre *La Rompiente*, ambas obras de Reina Roffé.

⁴ Luiz Dapelo ensina Tradução e Língua Espanhola pela Universidade de Cagliari e Génova. Ocupa-se de traduzir literatura com teor crítico e de literatura latinoamericana contemporânea, assim, traduziu diversas obras latinoamericanas e espanholas para o italiano, como, Tununa Mercado, Reina Roffé, Carlos Fuentes, Ernesto Sábato, Julio Caro Baroja, Julio Ramón Ribeyro, Juan Marsé, dentre muitos outros autores que trabalham com temas contemporâneos.

inglês por Margaret Staton⁵ e a introdução produzida por Monica Szurmuk⁶, publicado pelo Programa SUR - de Apoio às Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

Atualmente existem duas versões da produção de Roffé, uma de 2004 que foi a 1ª edição, que contém cinco contos intitulados de: “*Convertir el desierto*”, “*Aves exóticas*”, “*La noche en blanco*”, “*Línea de Flotación*” e “*El rufián melancólico*”, com histórias de mulheres solitárias, amarguradas, silenciadas, raras e com dificuldades de se encaixarem na sociedade nas quais estão inseridas. Na 2ª edição, de 2011, a autora decide acrescentar outro conto, *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras. Y uno más*. agregando a este compilado de contos outra protagonista, intitulado “*La madre de Mary Shelley*”.

Com base no exposto até o momento, sublinhamos como perguntas de pesquisa: Como a autora utilizou da sua escrita para revelar especificidades da expatriação no contexto da ditadura argentina?. Arelado a isso, erguemos o seguinte questionamento: Como as protagonistas dos contos experienciaram as reverberações do exílio por meio do trauma, a solidão, o silenciamento e os deslocamentos?.

Logo, salientamos como objetivo geral deste estudo, uma reflexão acerca do exílio e suas reverberações, a partir de uma análise baseada na obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004). Por isso, no capítulo um, apresentaremos uma breve reflexão sobre a década de sessenta e o *boom* literário, bem como reflexões suscitadas pela escrita de autoria feminina; já no capítulo dois, debateremos, a respeito das fraturas causadas pelo exílio nas protagonistas, através de análise de trechos compilados na obra em questão, acerca dos silenciamentos, da solidão e dos deslocamentos.

Em vista disso, Reina Roffé, conseguiu abordar temas cotidianos, mostrando a partir das suas personagens a possibilidade de desconstrução da realidade de mulheres através de situações ficcionais, tendo como ligação principal entre os cinco contos a temática do exílio. Mostrando assim, como a expatriação, em seus mais diferentes aspectos, pode influenciar cada protagonista. Nesse compilado de contos, ainda é possível viajar pelo

⁵ Margaret Stanton é formada em Espanhol e diretora do Programa de Estudos Latinoamericanos do Sweet Briar College, na Virginia, e ministra cursos de língua, cultura e literatura. Tem Mestrado nas Artes e Ph.D. em espanhol pela Universidade de Wisconsin em Madison, e suas traduções variam das mais diversas antologias de ficção, críticas latinoamericanas e estudos sobre as mulheres.

⁶ Monica Szurmuk é Professora de Literatura e Estudos Culturais no Instituto Mora na Cidade do México, México. É autora de “*Mujeres en viaje*” e “*Miradas cruzadas: Narrativas de viaje de mujeres en la Argentina 1850-1930*”, e co-editora com Robert McKee Irwin do Dicionário de Estudos Culturais Latinoamericanos (México: século XXI).

sórdido, ilógico, e pelos não ditos, além dos dramas individuais que transcendem para o coletivo.

Unidos, os capítulos deste estudo contribuem em direção ao entendimento da literatura como um mecanismo para a construção de uma nova ética de responsabilidade e cuidado, além de ser um subsídio teórico para trabalhos subsequentes elaborados com temas tratados nesta monografia.

1. CONTEXTO-SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAL ARGENTINO PELA PERSPECTIVA DE ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

1.1 ANOS 1960 E O BOOM: CONTEXTUALIZAÇÃO A PARTIR DOS FATOS TRANSCORRIDOS NA ARGENTINA

A década de 1960 ficou conhecida por grandes transformações⁷, nos mais diversos âmbitos da sociedade, desde a política até a literatura, e encontram-se presentes na memória de todos os latinoamericanos. Desta forma, podemos destacar que as consequências deste período se espalharam por toda a América Latina influenciando em nossa sociedade até os dias atuais.

Assim sendo, com um olhar voltado para as escritas literárias latinoamericanas, Paloma Vidal (2004) em seu livro *A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul*, nos mostra que a literatura passou a ser mais caracterizada pelos momentos em que os países hispânicos estavam passando nesta época, como podemos perceber na citação:

Segundo Donoso, a libertação das tendências *criollistas*, *regionalistas* e *costumbristas* assim do realismo social de épocas anteriores permitiu aos escritores da década de 60 conceber a literatura como o produto cultural de um continente. Definia-se um projeto identitário que reunia as novas escritas sob a designação de “literatura latino-americana”, diferenciando-as da literatura européia e, ao mesmo tempo, inscrevendo-as numa tradição ocidental. (VIDAL, 2004, p. 23-24)

Como podemos notar nas palavras de Vidal (2004), a literatura assume novos matizes, gerando, dessa forma, o fenômeno mundialmente conhecido como “boom”, que foi responsável pela projeção de vários escritores latinoamericanos em âmbito internacional, entre eles está José Donoso em seu livro *Historia personal del “boom”* (1985). É importante ressaltar, ainda, que na obra mencionada, Rama (1985) disserta que Donoso tem uma visão estritamente literária do referido movimento e não leva em consideração o ponto mais definidor do “boom”, que foi o consumo em massa das narrativas latinoamericanas,

⁷ O ocidente após a segunda grande guerra destacou-se como um cenário de modificações sociais profundas e aceleradas. Caracterizado pelas já conhecidas consequências dessa guerra, assim como pela consolidação da hegemonia econômica mundial dos EUA e pelas novas divisões políticas internacionais que deram início à “guerra fria”. Esta conjuntura fez emergir grupos sociais e novas tendências políticas e culturais que produziram também novas formas de compreender o mundo, como por exemplo: a mudança da “sociedade da produção” para a do consumo; a proliferação de novas categorias de trabalhadores profissionais e dos serviços; e a revolução eletrônica e o novo poder da mídia na formação da cultura e da subjetividade, entre outras.

devido a mudança dos hábitos de leitura do público. Assim como Rama (1985), Waquil, em seu artigo *O boom latino-americano: recepção e tradução* (2014), nos revela que a:

[...] eclosão definitiva do boom vem mesmo em 1967, quando ocorre a publicação de "Cem anos de solidão", de Gabriel García Márquez. A partir de então, a literatura latino-americana jamais seria a mesma. A repercussão foi massiva, chegando a todos os países, virando um sucesso não só literário, como estavam sendo as obras dos outros escritores, mas, pela primeira vez, um sucesso popular e comercial. (WAQUIL, 2014, p. 51)

Consequentemente, Donoso e Waquil enfatizam o termo “internacionalização”, isso demonstra que a geração do “boom” alcançou grandes marcos, ultrapassando as fronteiras Lationamericanas. Vale ressaltar, ainda, que o “boom” é uma movimentação ligada aos ideais da Revolução Cubana (1953-1959), tendo em vista o impacto que este movimento político propiciou ao campo da literatura e da história Latinoamericana, além disso, percebemos que as utopias revolucionárias incentivadas pela revolução transpassam as escritas dos autores que fizeram parte desta explosão literária. E acrescentamos ainda ao mencionado a fala de Gabriel García Márquez (1989) - importante autor do “boom” -, em uma entrevista para Paris Review II, nos aclara a este respeito:

A grande importância cultural de Cuba na América Latina foi servir como uma espécie de ponte para transmitir um tipo de literatura que existia na América Latina há muitos anos. *Em certo sentido, o boom da literatura latino-americana nos Estados Unidos foi causado pela Revolução Cubana.* Todos os escritores latinoamericanos dessa geração já vinham escrevendo há vinte anos, mas as editoras européias e norte-americanas tinham muito pouco interesse neles. Quando a Revolução Cubana começou, houve, subitamente, um grande interesse por Cuba e pela América Latina. *A revolução virou um artigo de consumo. A América Latina entrou em moda. Descobriram que existiam romances latino-americanos suficientemente bons para serem traduzidos e equiparados ao resto da literatura mundial* (GARCÍA MÁRQUEZ, 1989:338). (grifo nosso).

Deste modo, a explosão das literaturas hispânicas girava em torno da repercussão que a Revolução Cubana causou ao longo da década de 1960, a grande massa das obras hispânicas traduzidas para os mais diversos idiomas, o consumo da literatura como um sucesso popular e comercial, concentrando grande atenção sobre os novos escritores e seus antecessores.

Enfatizamos que os escritores consagrados pelo “boom” foram Julio Cortázar, Vargas Llosa, García Márquez, Carlos Fuentes, dentre outros, que escreveram suas obras como forma de se manterem conectados com suas culturas, já que viviam fora de seus respectivos países, dos quais foram exilados por questões políticas. Como Vidal (2004) esclarece em sua escrita: “Julio Cortázar, Angel Rama, Joé Nitrik e Marta Traba tentaram extrair do exílio um espaço literário de criação sem cair no saudosismo nacionalista nem no

ressentimento dos derrotados” (VIDAL, p. 14), expressando as reelaborações de tudo que passaram neste período de exílio, desde as perseguições traumáticas, até a solidão do distanciamento de suas raízes.

Outros autores surgiram após o momento inicial do “boom”, e com eles mais formas inovadoras de expressões e representações, essas novas narrativas hispanoamericanas e seus escritores compunham o “pós-boom”, dessa forma, destacamos: *Días y noches de amor y de guerra* (1978), de Eduardo Galeano (1940-2015); *De amor y de sombra* (1984), da escritora chilena Isabel Allende (1942); *Ardiente paciencia* (1985), de Antonio Skármeta (1940); *La última canción de Manuel Sendero* (1982), de Ariel Dorfman (1942); *El color que el infierno me escondiera* (1981), do uruguaio Carlos Martínez Moreno (1917-1986). Tais obras demonstram os mais diversos formatos estéticos das narrativas do “pós-boom”, e trazem experiências traumáticas causadas pelas ditaduras e pelo exílio.

Podemos notar, inclusive, que a escrita de mulheres ganhou visibilidade nesse período, levando em consideração as formas particulares de criação, tendo em vista que a escrita de autoria feminina parte de novas perspectivas antes não consideradas. Assim destacamos algumas importantes escritoras da literatura hispano-americana do “pós-boom”: as uruguaias Ida Vitale (1923). Cristina Peri Rossi (1941) e Inés Bortagaray (1975), a peruana Isabel Allende (1942), a colombiana Albalucía Ángel (1939), a chilena Marcela Serrano (1951), as argentinas Silvina Ocampo (1903-1993), Marta Traba (1930-1983), Luisa Valenzuela (1938), Tununa Mercado (1939) e Reina Roffé (1951).

Dentre as autoras citadas anteriormente, escolhemos Reina Roffé e sua obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), a qual aborda as nuances do exílio - por um olhar feminino -, e o silenciamento imposto pelo sistema hetero-dominante⁸.

A referida escritora é uma romancista argentina que nasceu em 1951, seu processo de escrita começou na adolescência com contos e relatos curtos, e seu primeiro romance foi escrito aos 17 anos. Estudou jornalismo no Instituto Superior Mariano Moreno e literatura na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires, mas enquanto ainda estudava, escrevia para diários e revistas, contos e entrevistava escritores.

Quando a ditadura se instalou na Argentina em 1976, buscou lugares mais seguros para viver e criar suas obras, como os Estados Unidos e Espanha, onde viveu por quase 30

⁸ Sempre que este termo for evocado dentro do trabalho, estaremos nos referindo ao Sistema de poder político, no qual as mulheres são reificadas e submetidas a dominação patriarcal branca.

anos. Em 1984, quando a democracia foi restaurada, Reina Roffé voltou para a Argentina, continuando sua vida em seu país. Atualmente é colaboradora da revista *Cuadernos Hispanoamericanos*, e participa da seção *Rinconete* do Centro Virtual Cervantes. Algumas de suas obras são: *Monte de Venus* (1976), *La rompiente* (1987), *Lorca en Buenos Aires* (2016), *Juan Rulfo: autobiografía armada* (1973), *Espejo de Escritores* (1984), *Juan Rulfo: las mañanas del zorro* (2003), dentre muitos outros contos, relatos, novelas e ensaios.

A obra em questão, *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), apresenta cinco histórias com protagonistas mulheres, que a partir de suas experiências materiais e subjetivas constroem um diálogo com o trauma e a partir disso, tecem uma ressignificação acerca de suas perspectivas de vidas. Podemos, dessa forma, construir um paralelo entre as personagens e a autora, que encontra no ato de escrever a possibilidade de interagir com as experiências traumáticas para lidar com tudo que já viveu, como vítima da violência política dos anos de ditadura.

Além disso, as protagonistas “se viram obrigadas a mudar radicalmente a sua existência devido a um acontecimento traumático” (CATTARULLA, 2014, p. 32), como afirma Camilla Cattarulla em seu artigo *Mulheres a beira do “limiar”: Aves exóticas. Cinco contos com mulheres raras por Reina Roffé* (2014). Dito isto, veremos adiante as histórias das aves exóticas de Reina Roffé, as quais retratam mulheres que foram esquecidas e silenciadas em meio ao desamparo social e familiar.

O primeiro conto é intitulado *Convertir el desierto*, o qual conta a história de uma mulher que teve que mudar para a Espanha para fugir de uma realidade traumática. Ao longo do texto é possível perceber que a protagonista carregava consigo um sentimento de vingança e ódio, os quais transformaram sua vida. Por fim, Maria R., ao longo de sua jornada, é dissuadida a não realizar sua vingança.

Já a segunda história, intitulada *Aves exóticas*, narra a trajetória de Tia Reche uma mulher invisível diante de sua família, que busca superar seus limites. Por isso, foge de sua casa e de si mesma, experimentando sentimentos e emoções novas, como o amor e a raiva. Ainda que tenha tentado se encaixar igualmente com o resto da sociedade, percebeu que era uma decisão contrária a tudo que buscava em si mesma.

La noche en blanco, terceiro conto, expõe a história de uma senhora francesa que foi deportada para um campo de concentração nazista, e quando foi liberada deixou o seu país e se refugiou em vícios. Algum tempo depois, devido à repressão política, se viu responsável por cuidar de uma menina, filha da vizinha, que foi levada pelos militares que detinham o

poder, naquele contexto ditatorial.

Posteriormente, o conto intitulado *Línea de flotación*, desenvolve a história de Teresa uma mulher que gostaria de viver livremente, sem a existência dos compromissos familiares que a prendiam com um pai intempestuoso, autoritário e violento. Por isso, ela utilizava a sua imaginação e suas curtas viagens em meio ao trânsito, para fugir do seu cotidiano, mesmo que por poucos minutos.

Ao final, a autora escreve *El Rufián Melancólico*, que discorre sobre Silvita, uma mulher que foi enganada, e fica sem emprego longe de Buenos Aires. Este é um conto em que a narradora e personagem supera o drama, e usa da ironia e do sarcasmo para a grande transformação do final da história.

Tendo em vista os resumos apresentados, percebemos que as aves raras de Reina Roffé são mulheres que experienciam, através do seu corpo e sua mente, a violência da necessidade de exilar-se. São raras no sentido de serem estranhas ou estrangeiras, por estarem fora da convenção social hetero-dominante, que define o ambiente doméstico como lugar a ser ocupado pelas mulheres.

Por fim, de acordo com Consentino no artigo *A mudez, viva voz* (2010) “uma mulher rara é tão vasta para o imaginário social, que seria difícilimo, num só olhar, fazer uma descrição dela mesmo” (CONSENTINO, 2010, p. 2-3), e por serem consideradas raras, são excluídas, exiladas, deixadas de lado. Conseqüentemente, os diferentes tipos de exílios são trazidos à tona demonstrando desde as batalhas mais íntimas de cada uma, até as batalhas sociais.

Assim, buscamos mostrar neste item, como a década de 1960 e a revolução cubana influenciaram na literatura hispanoamericana, incluímos, ainda, alguns dos escritores que mais se destacaram neste período, por fim, trouxemos um breve resumo da vida de Reina Roffé e de sua obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), a qual iremos investigar ao longo deste estudo. Desta forma, buscaremos trazer no próximo tópico a importância da escrita de autoria feminina, e como a perspectiva das mulheres pode proporcionar ferramentas de análises para refletir as experiências e batalhas vividas.

1.2 FRUTO PROIBIDO: ÀS MULHERES E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA

Toda a história das mulheres ocidentais revela e narra uma trajetória de silenciamento imposto pelo sistema patriarcal, além disso, elas foram marcadas pelo encarceramento físico e emocional. No mundo literário, a escrita feminina passou por uma "política de ocultamento" como diz Losandro Antonio Tedeschi (2016) no artigo *Os desafios da escrita feminina na história das mulheres*, o qual causou danos irreparáveis, já que muitas mulheres não podiam se expressar da forma que queriam, sempre dependendo de um consentimento do sujeito masculino ao qual deviam obediência - de acordo com as regras da sociedade.

Como escreve Losandro Tedeschi (2016, p. 158) “a escrita era um fruto proibido para as mulheres, era-lhes permitido, nas raras exceções, aproximar-se desse fruto desde que ele não as fizesse cair em tentação, ou seja, escrever”, sendo assim, o único acesso que lhes competia era escrever receitas e ordens da casa que não ferissem os bons costumes e a moral da cultura patriarcal. Mesmo assim as mulheres já buscavam transgredir através da escrita, para se sentirem vivas e se libertarem (nem que fosse por alguns instantes) das imposições do patriarcado.

Assim, a escrita de autoria feminina foi, paulatinamente, criando um espaço mais autônomo dentro da literatura mundial, construindo reflexões acerca da sensibilidade, cotidiano, sexualidade, análises políticas, dentre outros, fugindo dos estereótipos tradicionais de escritas "do lar". Expressando assim suas próprias concepções e experiências, configurando este espaço como um lugar para expor as diferenças construindo alteridade.

Tudo isso nos leva a refletir sobre a diferença entre a escrita de autoria feminina e a escrita de autoria masculina, uma vez que o problema não está na diferença entre os gêneros, mas sim no sistema hierárquico onde as mulheres foram colocadas como inferiores aos homens, e como consequência disso, elas são submetidas a visões dominantes e colonizadas.

Aos poucos as mulheres vão avançando em busca de compreender as transformações culturais e conquistar direitos civis, construindo suas próprias identidades sociais, e tendo cada vez mais acesso e representatividade. Esta quebra do paradigma imposto pela sociedade patriarcal é lenta e ainda tem um longo caminho a ser percorrido.

Por isso, trabalhar a escrita de autoria feminina nos ajuda a refletir sobre a condição da mulher na sociedade, desde a voz do sujeito marginalizado, e além disso, elas mostram um importante potencial como construtoras de saberes desestabilizantes, ou seja, fraturam pouco a pouco o sistema hetero-dominante, fazendo com que floresçam novas perspectivas de leitura de mundo.

Ao debatermos a respeito de escrita de autoria feminina, nos concentramos na escrita de Reina Roffé na obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras (2004)*, a qual apresenta personagens com características próprias, ou seja, que lutam contra os moldes dos padrões impostos pela sociedade patriarcal. Relativo a isso, a referida autora é questionada por Carmen Aguirre, em uma entrevista para a revista *Punto y Coma (2017)*, sobre o porquê escrever, especificamente nesta obra, a respeito de mulheres e o que elas possuem de raro, e Roffé responde:

Bueno, tendríamos que hablar de protagonistas. Me atraen aquellas personas que tienen algo peculiar y entonces las transformo en personajes. Es decir, las protagonistas de mis cuentos..., yo diría que no son exactamente raras. Son raras solo para quienes esperan de ellas un comportamiento que se amolde a los generales de las leyes sociales, religiosas o políticas, que en realidad no acatan. Raras en todo caso porque viven como extranjeras, incluso, en su propio país, y en el seno de sus propias familias. Raras porque la realidad, el afuera enrarecido, las descoloca. Algunas son víctimas de exclusión, otras de violencia, incluso, de explotación paterna o laboral. (ROFFÉ, 2017, p. 37).

Na fala de Roffé percebemos a infinidade de coisas que precisam mudar na sociedade, pois ela deixa claro que as protagonistas não são raras para ela, e sim para o coletivo, por não se enquadrarem nas expectativas do padrão tradicional-social e político.

Outra característica da escrita de Reina Roffé é a fragmentação da obra (SELIGMANN-SILVA, 2008), esteticamente Roffé constrói contos a partir da vida cotidiana de mulheres, expondo uma escrita traumática, na qual ela argumenta sobre os diferentes tipos de exílio e as marcas da violência deixadas nas protagonistas.

Ainda sobre a fragmentação da escrita traumática, entendemos que a partir do teor testemunhal da obra (SELIGMANN-SILVA, 2008) é possível perceber no coletivo componentes da individualidade, dessa forma, entendemos que para lidar com experiências semelhantes a da ditadura Argentina, a psique dos sujeitos fragmentam tais eventos para que eles possam suportar e não sucumbir, tendo em vista os assombrosos episódios relatados por sobreviventes do regime militar iniciado na década de 1960.

Também nos chama a atenção a utilização do conto, gênero textual escolhido pela autora, tendo em vista sua objetividade e flexibilidade temática, é um convite para uma

reflexão imediata. Toda essa discussão é relevante para que se possa construir uma nova ética de responsabilidade com a humanidade e as relações humanas.

Arelado a isso, um aspecto temático muito importante faz-se presente em todos os contos: o exílio - em seus mais diferentes aspectos -, o qual Roffé vivenciou. Ainda na entrevista para a revista *Coma y punto* (2017), ela relata:

Si hay un hilo conductor o que enlace un cuento con otro, ese tiene que ver con la idea de representar los distintos tipos de exilios, y batallas íntimas también, que se libran en estados extremos de indefensión o de descomposición social. Todas las protagonistas de estos cuentos viven como extranjeras en tierras lejanas, como bien has dicho, o en su propio país o en el seno de sus propias familias. (ROFFÉ, 2017, p. 38).

Com isso, Reina Roffé já mostra diferentes visões sobre exílio, e passa a expor, mesmo que indiretamente, em sua escrita, a experiência pessoal que teve com a expatriação, demonstrando assim, o que viveu a partir desse afastamento compulsório. A autora segue pontuando:

Alejarse del lugar de pertenencia, ya sea por destierro, migración, exilio político o económico, genera siempre perturbaciones que pueden redundar en beneficio propio y de la obra. Ampliamos nuestra visión del mundo al tomar contacto con otras realidades, otras culturas. Hay pérdidas, pero también ganancias. Yo prefiero recordar las ganancias. (ROFFÉ, 2017, p. 38).

Neste outro trecho da entrevista, entendemos que esse distanciamento entre a autora e sua pátria, de certa forma, contribuiu para que ela pudesse ter outros contatos com o mundo, e encontrar lugares que permitissem sua criatividade sem censura. Ainda sobre os horrores da ditadura militar que estão presentes em todos os contos da obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), Roffé diz que “la violencia, las muertes, las persecuciones, la tortura, todo aquello que operaba en el país, en mi país, generaba, por supuesto, rabia, dolor, miedo, impotencia y también unas ganas tremendas de salir de ahí” (ROFFÉ, 2017, p. 38). Diante disso, ela buscou em sua escrita registrar episódios factuais e ficcionais que aconteceram “durante los años más crueles de la dictadura en mi país” (ROFFÉ, 2017, p. 38), dissertando com objetivos de externar sentimentos de insuficiência e aflição.

Constatamos que de acordo com o dicionário da *Real Academia Española - RAE* o termo **exilio** significa “separación de una persona de la tierra en que vive. Expatriación, generalmente por motivos políticos”(EXÍLIO, 2021), já o dicionário *Aurélio*, da língua portuguesa, possui a seguinte definição para o mesmo termo: “expatriação, forçada ou voluntária; degredo, desterro. O lugar onde reside o exilado. Lugar afastado, solitário, ou

desagradável de habitar”(EXÍLIO, 2021). Assim, buscamos apresentar brevemente os conceitos da palavra exílio, para que o leitor perceba a existência de uma ponte entre as definições, por estarmos trabalhando com a língua portuguesa neste estudo e pela obra ser escrita originalmente por uma autora Argentina. São muitos os aspectos do exílio, incalculáveis seus males, inextinguíveis seus rastros e suas marcas deixadas naqueles que foram exilados.

Nesse sentido, Ángel Rama no artigo *La riesgosa navegación del escritor exiliado* para a revista *Nueva Sociedad* (1978) enuncia que:

La palabra exilio tiene un matiz precario y temporero: parece aludir a una situación anormal, transitoria, algo así como un paréntesis que habrá de cerrarse con el puntual retorno a los orígenes. [...] los exilios, aun los duros e ingratos, devienen una condición permanente de la vida, son ellos los que proporcionan la textura de la existencia durante un largo período de la vida adulta, con su peculiar desgarramiento entre la nostalgia de la patria y la integración, por precaria que parezca, a otras patrias, todo ello actuando sobre un estado de transitoriedad y de inseguridad que resulta constitutivo psicológicamente de esta circunstancia vital. (RAMA, 1978, p. 7)

Por conseguinte, o olhar dos exilados volta-se para seus países tentando manter vínculos com seu lugar de origem, mesmo que a proscricção possa durar muitos anos, e não consiga haver uma integração ao lugar onde o expatriado esteja vivendo e tentando constantemente reaprender a linguagem e identidade cultural, as raízes com sua pátria ainda são fortes e mesmo que indiretamente tenta contribuir com a luta contra o projeto político/econômico que causou a sua retirada, e tentam “encontrar formas de sobrevivência à violência e ao silenciamento” (VIDAL, 2004, p 34) pelo qual passam nessa nova realidade, em que estão inseridos.

Assim, quando falamos de exílio, automaticamente recordamos da ditadura militar e todo o trauma deixado ao longo da história latinoamericana, já que, aqueles que foram exilados de suas pátrias, por serem contra a política imposta ao país, tinham como opção mais segura buscar outros lugares para viver dignamente.

Tal situação foi bem recorrente na década de 1960, a qual, proporcionou a eles contatos geográficos e humanos que reverberam na literatura hispânica, esta, por sua vez, foi embebida com as vivências dos escritores que sofreram com tais experiências traumáticas. E como aponta Paloma Vidal (2004) o exílio “pode ser visto como uma dissidência no seio da linguagem e a estrangeiridade como constitutiva para a criação” (VIDAL, 2004, p 14).

Pensando mais especificamente nos vários golpes registrados na história da América Latina, Nadia Vannesa Mendez (2015) no artigo *La construcción de la mujer y la situación de exilio en Aves Exóticas de Reina Roffé*, aponta que “la literatura argentina ya no solo es aquella escrita en nuestro país, sino también fuera de él” (MENDEZ, 2015, p. 173), a exemplo disso temos Reina Roffé, que por meio de sua escrita elucida sobre a dor e a violência, usando a literatura como um “território de liberdade pessoal” (MACHADO, 1998, p. 43), como diz Ana Maria Machado na obra *Tropical sol da liberdade*.

Como pontuamos anteriormente, Roffé conta a história de cinco mulheres que estão imersas em diferentes formas de exílio como o silenciamento, o isolamento, o sentimento de frustração, o exílio político e a impossibilidade de serem reconhecidas, inclusive pela própria família. Como passou pela experiência de exilada por motivos políticos, ela apresenta essas personagens como reflexos das próprias adversidades vividas.

Complementando, outro aspecto importante é que, mesmo Reina Roffé tendo passado pelo exílio, utilizou de sua escrita para expressar toda dor e frustração ao estar longe do seu próprio país, assim, a escrita de autores exilados expressa uma necessidade de reconhecimento dos eventos traumáticos sucedidos ao longo da ditadura Argentina tendo em vista que estes não são relatados pela historiografia oficial, logo “o exílio pode então ser pensado como uma estratégia [...] constitutiva que [...] determina historicamente a existência do estrangeiro enquanto alteridade excluída de um grupo” (VIDAL, 2004, p 19), como menciona Paloma Vidal (2004).

Portanto, nesta parte apresentamos alguns pontos importantes sobre a escrita de autoria feminina, e apontamos como a escrita para as mulheres era negada, e apenas considerada desde que fosse relacionada a temáticas do lar. Foram apresentados também aspectos da escrita de Reina Roffé e como ela utiliza tópicos do exílio em sua escrita, demonstrando, a partir dos contos com protagonistas femininas, as reverberações dos distintos tipos de exílio nos sujeitos, como também a problemática das mulheres não convencionais para a tradição hetero-dominante.

Posto isso, apresentamos também os conceitos da palavra exílio (Espanhol / Português), e abordamos as particularidades políticas inerentes a ele. Por fim, refletimos a respeito de como a autora utilizou da sua escrita para revelar especificidades da expatriação. No próximo capítulo abordaremos o trauma, a solidão, o silenciamento e os deslocamentos que atravessam toda a obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras*

(2004), para isso faremos uma análise de todos os contos, demarcando como cada protagonista experienciou essa crueldade.

2. REVERBERAÇÕES DO TRAUMA: PELA ESCRITA DE REINA ROFFÉ

2.1 O IMPERATIVO DO SILÊNCIO

Temos como objetivo neste capítulo, construir uma análise a partir da obra *Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), de onde emerge o trauma causado pela expatriação. Como consequência desta fratura, destacamos fragmentos da obra que dialogam com o silenciamento, a solidão e os deslocamentos ocasionados pelo imperativo do exílio.

Em vista disso, o trauma é ocasionado por eventos drásticos, como atentados, exílios políticos e econômicos, abandonos, agressões, abusos sexuais, acidentes, ou seja, uma série de experiências dolorosas que prejudicam os humanos de forma física e psicológica. Assim, Reina Roffé mostra alguns dos traumas vivenciados por cinco mulheres, a partir dos diferentes tipos de exílios que cada uma experimentou e as reverberações que eles tiveram em suas vidas.

Quando refletimos a respeito do exílio, a associação entre este tema e o trauma é imediata, como afirma Seligmann-Silva, no artigo *Narrar o trauma - a questão dos testemunhos de catástrofes históricas* (2008), “narrar o trauma tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 66), desta forma, Roffé que também passou pelo trauma de ser exilada, buscou, através da escrita, expressar as consequências dos fatos ocorridos na ditadura e os sentimentos que emergiram de cada experiência, e como apresentam Maldonado e Cardoso no texto *O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias* (2009) o trauma comporta “a impossibilidade e a necessidade de sua representação” (MALDONADO; CARDOSO, 2009, p. 55).

Dessa maneira, Reina Roffé literaliza a psique cindida das protagonistas traumatizadas, apresentando aos leitores um olhar imerso nas memórias traumatizadas, unindo passagens ficcionais e factuais do ocorrido através de novos contextos. A partir disso, percebemos uma estética fragmentada que se afasta dos modelos canônicos pré-estabelecidos, como afirma Maldonado e Cardoso (2009), “diante do traumático, um testemunho se assenta necessariamente sobre a experiência-limite de um narrador que perfurou a barreira entre a vida e a morte” (MALDONADO; CARDOSO, 2009, p. 55).

Além do já exposto até o momento, destacamos que as histórias de Roffé contém violências diversas - físicas e psicológicas -, dessa maneira, enfatizamos o silenciamento, ao qual as protagonistas são submetidas. Ressaltando, ainda, que esse tipo de violência não é uma escolha pessoal, e sim uma imposição dos que têm poder (instituídos e respaldados pelo sistema hétero-dominante), que oprimem e fazem com que as minorias caem os fatos, suas opiniões e seus sofrimentos.

À vista disso, analisando o conto *Convertir el desierto*, percebemos que Maria R. busca seu agressor “para matarlo y aniquilar en él el odio de su exilio involuntario, de su irremisible fracaso” (ROFFÉ, 2004, p. 7). Através do desejo de vingança, contra aquele que lhe causou sofrimento e a deixou sem aqueles que ama, a protagonista vive solitária e alimentando as experiências traumáticas do passado. Outro aspecto relevante deste conto é a memória dos traumatizados, que percebe nos detalhes do ambiente traços do seu agressor, isto, converte os sentidos em detonadores de memórias. Na passagem a seguir, a narradora expressa:

De aquel hombre desconocía todo menos sufisionomia, que se le había grabado como el estribillo de las canciones de infancia, única memoria fidedigna de su pasado. Recordaba perfectamente los ojos acuosos, la boca obscena, el rostro engreído, la mano descarnada que había empuñado el arma y la violencia de su voz, al acabar la masacre, perdonándole la vida, ordenándole que debía desaparecer porque no habría una segunda vez para ella. (ROFFÉ, 2004, p. 7)

Assim, como a citação pontua, mesmo com o tempo ela ainda se lembrava de aspectos marcantes, precisamente por ter sobrevivido, ela deixa claro que “veinte años queriendo haber sido uno de los cuerpos y no un muerto que veía a otro muerto” (ROFFÉ, 2004, p. 8), preferia ter sua vida retirada, pois, teria sido mais livre psicologicamente, o que não é, já que com o tempo ela esqueceu-se de viver, e dos prazeres que a vida pode lhe proporcionar, como está posto na citação:

Había puesto diez mil kilómetros de distancia, se había esforzado por olvidar incluso creía haber olvidado el deseo de amar y ser amada, un título con honores, el ejercicio de una profesión y los prodigios que alguna vez avistó en su futuro. Pero unos meses atrás, un maletín de cuero con dos iniciales entrecruzadas la remitió a la casa y a los cuerpos, a las cosas que habían sido suyas y saqueadas. El maletín en el banco de andén, pertenecía a un extraño, un extraño con el que había convivido veinte años. (ROFFÉ, 2004, p. 8)

Neste trecho frisamos que apesar da distância que ela tenha colocado entre sua vida e o trauma, ela não conseguiu desvincular tais sentimentos, pois, algum tempo depois, apenas um objeto lhe fez recordar tudo que buscava esquecer.

Em outra passagem do mesmo conto, sublinhamos:

María tampoco había soñado con ir a la India. En realidad, prefería no recordar los sueños. A veces, al despertar, tenía atisbos de algo soterrado, tal vez la raíz de un deseo barrido por la consciencia de imitarse a sí misma, el prototipo de mujer que repetía cada mañana, previsible como la taza de té deliberadamente amargo que bebía antes de partir hacia el trabajo. Un trabajo sencillo, muy por debajo de sus cualidades, con una remuneración discreta, que le dejaba la tarde libre para encerrarse en su cuarto, en su tenaz aislamiento. (ROFFÉ, 2004, p. 9)

Destarte, Maria R. passou vinte anos tendo uma vida na qual repetia as mesmas coisas todos os dias e não se permitia nem sonhar, mas começou a perceber, a partir de um diálogo com Brais, o quanto sua vida estava previsível, solitária e sem perspectiva, apenas preenchida pelo seu desejo de retaliação ao homem que a transformou em uma sombra de si mesma.

Logo, a partir do exposto, percebemos que o silenciamento ecoa na vida da protagonista até o momento em que ela, contra sua vontade, estabelece uma relação fraternal com um senhor - Brais -, que a ajuda a vislumbrar outras possibilidades para sua vida.

Nesse sentido, sobre a temática do silenciamento desenvolvida anteriormente, Roffé constrói o conto *Aves exóticas*, que tem como protagonista Tía Reche, uma mulher que busca fugir “de la casa y de sí misma” (ROFFÉ, 2004, p. 12), para escapar das grandes e pequenas violências do dia a dia, pois, ao longo de sua vida “había sido una mujer cansada, de un cansancio antiguo que venía con ella como su palidez, la sonrisa leve, los ojos delatando la desgana, el tedio, el aullido ahogado y el ligero contoneo de que nada merecía la pena.” (ROFFÉ, 2004, p. 12).

Esta mulher, que estava sempre perdida em seus pensamentos, uma nômade, com uma grande melancolia em seu olhar, tinha o silenciamento posto pela própria família, em que:

[...] la ferocidad de su madre acusándola de ser un trozo de carne, la prepotencia de los varones de la casa, el egoísmo de las hermanas y hasta la necesidad de los vecinos o la intolerancia religiosa de algunos miembros de la comunidad. No lloraba porque sabía que era inútil, pero acusaba recibo con una desesperación tangible. Si alguien hubiera extendido una mano hacia ella, podría haber palpado esa red tensa que la envolvía. (ROFFÉ, 2004, p. 14)

Como é possível notar, a protagonista sempre foi exilada no próprio seio familiar e em sua comunidade religiosa, com isso, Tía Reche cria traumas internos pois mesmo experimentando emoções, estava “anegada en muerte” (ROFFÉ, 2004, p. 13).

Ela nem mesmo era compreendida, vista e ouvida, pois “cuando alguien la miraba y le hablaba, no se dirigía a ella sino a quien estuviese detrás” (ROFFÉ, 2004, p. 15), sempre posta à margem, como se não existisse, e isso lhe despertou um sentimento de que não valia a pena ser compreendida por todos. Por isso, Tía Reche sucumbe ao que lhe é posto.

Já no conto *La noche en blanco*, salientamos a temática do exílio imposto pelo sistema político, tendo em vista que as personagens que protagonizam a história foram submetidas a violência de Estado. Devido aos eventos que são lembrados pela velha senhora do apartamento B, como expressa Roffé:

La mujer del A los había visto llegar. Casi siempre lo hacían a la medianoche, no a esa casa de apartamentos, sino a cualquiera, en cualquier barrio, en cualquier parte de la ciudad. Sólo aquellos que eran buscados, a veces los veían llegar; los demás no querían ver ni oír nada. (ROFFÉ, 2004, p. 17)

Reforçamos, a partir das palavras de Reina Roffé que a vizinha do apartamento A, que fugia dos soldados à anos com sua pequena filha - Alicia -, e buscou ajuda com a velha francesa do apartamento B para que ficasse com sua pequena, dizendo que seria apenas por uma noite, como segue focando a autora:

[...] Ella, en cambio, nunca había creído que iba a ser por una noche, casi cuarenta años atrás, cuando llegaron con su blanca, impoluta piel quienes la fueron buscar, allá, en la France de la France, en París. Olían a tabaco inglés. Aquellos alemanes olían a tabaco inglés, limpios, blancos, con sus trajes perfectos y sus botas de cuero reluciente. (ROFFÉ, 2004, p. 20)

As palavras anteriores ressaltam como ela já conhecia todo o processo traumático que a jovem mulher iria passar, pois há quase 40 anos passou pelo mesmo, e ainda se lembrava de todos os detalhes e sensações de momentos terríveis pelos quais vivenciou na França. Seguindo este raciocínio apontamos:

[...] la escandalosa galería de ecos, la visión arrebatadora de los subsuelos percutidos de sangre, un ritmo vertiginoso de cascada, cayendo, retornando, y la clausura de sus labios hinchados de apretarlos. Entonces, pese al miedo, se creía valiente, había afrontado toda clase de interrogatorios, vejaciones, crímenes, incluso el dolor más grande, el que no se podía describir ni procesar, el que llevaba como un cirio ardiente en lo más profundo, la muerte de sus hijos. (ROFFÉ, 2004, p. 22)

O trecho confirma que a velha senhora do B, já enfrentou o campo de concentração e a guerra, mas o mais traumático foi a perda de seus dois filhos, aos quais sempre recorda. E quando ficou responsável por Alicia, lembrou-se deles, e para que a criança não ficasse desamparada tentou distraí-la do momento pelo qual passou ao ser acordada no meio da noite e sua mãe ter sido levada - mesmo que não tenha visto -, a pequena já estava a

imaginar o que poderia seguir mais adiante, já imaginando que não veria mais sua mãe, pois na passagem a seguir ela menciona que: “- yo no voy a dormir nunca más en la vida” (ROFFÉ, 2004, p. 23), uma vez que, seu pai já havia desaparecido a alguns anos e sempre estavam mudando de casa. Percebemos, dessa forma, que o silenciamento para estas protagonistas implica na completa falta de liberdade, principalmente por estarem sempre em busca de lugares mais seguros, nos quais não seriam encontradas pelos carrascos.

Nessa direção, temos o conto *Línea de Flotación*, no qual a jovem Teresa busca por lugares silenciosos para ter um descanso das suas demandas familiares, onde muitas vezes seu lar se torna desagradável devido às explorações que enfrenta a partir da perda de sua mãe. Na passagem a seguir isso é evidenciado:

[...] Llevaba cinco de sus diecisiete años levantándose a las seis de la mañana. Desde que había muerto su madre, el día era eterno para ella: recogía la casa, despertaba a los hermanos pequeños, les daba el desayuno, preparaba la tartera con el almuerzo del padre y, después de bregar con platos y tazas, camas y ropa de la familia completa, tiraba de sus hermanos que, de mala gana, corrían con ella hacia el colegio. El resto de su jornada no era nada mejor que esto. (ROFFÉ, 2004, p. 26)

Ressaltamos que Teresa tinha uma rotina da qual não lhe agradava nenhum pouco, por ser um ciclo no qual ela não tinha tempo algum, tudo que fazia era para os outros e habitualmente a mando de seu pai, que sempre a gritava, e ela “odiaba el grito y a los que gritaban: a su padre, en primer lugar; luego, a las mujeres del barrio, sopranos que alcanzaban sin esfuerzo dos octavos y en fuga, a varias voces, dando alaridos en el mercado, en la calle” (ROFFÉ, 2004, p. 26), conseqüentemente ela odiava as pessoas que falavam alto e todo o barulho.

Como mencionamos, estava em busca de lugares silenciosos para poder descansar e desfrutar de sua própria companhia, nas oportunidades que dispunha para sair com o intuito de fazer as compras da casa ela buscava lugares calmos ao longo do caminho para relaxar e quando sobrava-lhe alguns trocados das compras, algumas vezes parava para descansar e optava por “un café, en el más silencioso que encontró por allí” (ROFFÉ, 2004, p. 27), mas em uma de suas idas para as compras domésticas, sentou-se para desfrutar de um frescor e de seus sonhos, com a finalidade de “sintonizar la melodía del tren y cerrar sus oídos a la melopea del hombre de la barra” (ROFFÉ, 2004, p. 27) e percebeu todos os outros sons que alguns clientes faziam ao seu redor.

Ao escutar um homem que não tinha percebido sua presença e falava mal dos jovens - tão alto como seu pai -, até pensa em respondê-lo mas lembra-se “que podía

hacer?” (ROFFÉ, 2004, p. 29), já que, devido a sua realidade em casa, devia “callar, como había callado su madre, para impedir en lo posible el maltrato del padre, un mano larga que todo lo arreglaba a golpes” (ROFFÉ, 2004, p. 29), mesmo estando cansada de ouvi-lo, em seu íntimo “deseaba, con todas sus fuerzas, que el castrado se ahogara en su propia saliva” (ROFFÉ, 2004, p. 31). Tal fato incomodava profundamente a protagonista, tendo em vista, sua consciência de que não era como os outros e efetivamente se responsabilizava pelas demandas familiares.

Desse modo, seu desejo era “día menos pensado tomaria un tren de largo recorrido y se instalaría en el pueblo de su madre, lejos de todo lo que la hería tanto y cerca de la mar, que aún no conocía” (ROFFÉ, 2004, p. 29), o lugar certo para se encontrar consigo mesma sem intromissões externas, pois próxima ao mar estaria sozinha e descansaria ao som das ondas. Mas, mesmo “cansada y harta” (ROFFÉ, 2004, p. 31), Teresa pensava: “y sí tenía un finalidad en la vida: crear a los hermanos y protegerlos de la ferocidad del padre (se lo había perdido su madre antes de morirse), acabar los estudios, marchar a la mar.” (ROFFÉ, 2004, p. 31).

Paralelamente, o exílio no conto *El rufián melancólico* está posto de maneira sutil, como afirma a protagonista Silvita “tal vez creí en las apariencias” (ROFFÉ, 2004, p. 33). A jovem estava com uma viagem marcada para ir a Madri - por um dia, era o que ela pensava - “para realizar la visita obligatoria al Museo del Prado y tapear en la Plaza Mayor antes de volver a Buenos Aires” (ROFFÉ, 2004, p. 33), mas a partir da sugestão de um conhecido, conheceu Fernández - “el rufián melancólico” -, como ela nomeou - que lhe ofereceu uma oportunidade para ficar por mais tempo em Madri e trabalhar para ele, em um dos grupos de comunicação da Península.

Salientamos que Silvita se sente muito importante por trabalhar para um empresário que tem um negócio muito luxuoso na Espanha, mas ela começa a perceber ao longo do tempo que é uma empresa “de mala gana”, devido às falsas promessas de trabalho. E agora ela nota: “me doy cuenta de qué manera los demás decidan por mí lo que debía yo hacer, a quien tenía que visitar y donde convenía que metiera mis narices” (ROFFÉ, 2004, p. 34), por deixar que outras pessoas tomem decisões importantes em sua vida, acaba submersa em acontecimentos que não sabe como administrar. No entanto, a personagem observa toda a situação na qual está envolvida e compreende que sua ingenuidade lhe prejudica, como comprovamos nas palavras que seguem:

“Cierta tendencia a la comodidad, me llevó a dejarme guiar hacia aquí o hacia allá, a permitir que otros me allanaran el camino en algunas cosas que quería alcanzar y en otras que no deseaba en lo más mínimo. Por lo que tuve que pagar un alto precio, como es de imaginar.” (ROFFÉ, 2004, p. 34)

As palavras anteriores nos fazem ponderar que a protagonista se encontra em uma posição de submissa, manipulável, temerosa, e quando percebe a situação em que se encontra, suas economias já acabaram e não tem como voltar para seu país, e aos poucos percebe também como foi silenciada desde o início quando conheceu seu algoz: “se me dio por repasar la charla caótica que había mantenido con Fernández, mejor dicho, su monólogo” (ROFFÉ, 2004, p. 37). Ficando com a única opção que lhe restava, trabalhar no primeiro andar do edifício ou no bordel do “rufián”, ou seja, enganar mulheres com propostas falsas de trabalho com a ilusão de ganhar um salário e uma qualidade de vida melhor.

Destarte, analisamos neste tópico os aspectos envolvendo o silenciamento das protagonistas a partir de situações traumáticas. Além disso, destacamos as diferenças entre as aflições de cada uma, e como estas podem influenciar em suas decisões, ações e sentimentos. Já no próximo item, ponderamos a respeito das marcas deixadas pela solidão e pelos deslocamentos imperiosos.

2.2 A CAMINHADA SOLITÁRIA DO EXILADO

Os deslocamentos surgem a partir de distintas motivações, podendo gerar desconforto e medo, como é o caso do exílio, que inclui a impossibilidade de decidir sobre retornar às origens. Na obra *Aves exóticas: cinco cuentos con mujeres raras (2004)*, é bem recorrente que os deslocamentos sejam necessários. Com isso, a solidão se apresenta como consequência para os indivíduos que protagonizam os contos, desde um ponto de vista físico e/ou psicológico, assim sendo, cada sujeito se relaciona com este sentimento de uma forma particular, como sublinharemos adiante nos contos que compõem a obra.

Por tanto, no conto *Convertir el desierto*, percebemos que a protagonista gostava dos deslocamentos, pois eram as oportunidades que ela tinha para relaxar e esquecer todo seu sofrimento, e quando se permitiu caminhar e falar com Brais, “no llevaba rumbo cierto ni tenía prisa alguna. Al salir de la estación, anduvieron en silencio por una calle ancha ajardinada, acompañándose uno al otro inopinadamente” (ROFFÉ, 2004, p. 7). Maria R

começa a perceber que sua vida tinha se tornado um deserto, “sentía que así era su vida de los últimos años: un paisaje de estepa sin horizonte, un territorio desolado que una vez había recorrido al otro lado del océano” (ROFFÉ, 2004, p. 6). Ela demonstra que tudo era solitário, principalmente por seu desejo de vingança, ao qual a afastou das pessoas que tentavam apenas conversar com ela.

Já em *Aves exóticas*, Tia Reche elabora deslocamentos internos, nos quais ela se concentra em seu próprio mundo e se desliga das demais pessoas ao seu redor, até busca sair de seu local de origem mas não consegue, pois, “de ninguna de las versiones sobre ella se desprende una causa que justificara su ausencia, el encierro en sí misma que la convierte en invisible para los demás” (ROFFÉ, 2004, p. 12), ela considera difícil esse deslocamento físico, pois já absorveu uma certa característica melancólica e solitária, que consiste em um aspecto de nômade por estar fisicamente em um lugar, mas com a mente distante, em outro mundo. Pois, sempre foi deixada à margem pela própria família, “nadie la veía” (ROFFÉ, 2004, p. 13), sofria com a solidão e a invisibilidade desde pequena, e “se quedaba horas siguiendo el cambio de las hormigas” (ROFFÉ, 2004, p. 13) aspectos comuns da infância de crianças solitárias. Era uma pessoa que não buscava se destacar ou fazer-se presente na vida dos outros, notamos na passagem a seguir:

[...] padres y hermanos se olvidaban de ella, no porque quisieran sino por el empeño que ponía en ser olvidada, en volverse una mancha incolora, filigrana imperceptible del suelo o las paredes. Las maestras de la escuela solían calificarla con notas altas, pero decían que era como una prolongación del banco de clase: apagada, quieta, cumpliendo con el presente obligación. (ROFFÉ, 2004, p. 13)

Percebemos assim, que a personagem não procurava manter contato com a família ou com outras pessoas ao seu redor, até pensou em sair de casa - tentou correr pelo longo corredor de sua casa, mas não saiu do lugar -, buscar novos horizontes, entretanto manteve-se no mesmo lugar para não se arriscar a viver com pessoas que não conhecia. A solidão familiar era menos desconfortável do “que la del exilio y, por lo tanto, carecía de importancia dónde y con quien estuviese: una mujer afincada sólo en su mundo particular es una extraña para todos en todas partes” (ROFFÉ, 2004, p. 16), visto que, os de casa já conheciam seus comportamentos solitários, e não se importavam com o que ela fazia ou não da vida.

Contudo, a protagonista do conto *La noche en blanco*, a velha senhora do B, vivia solitária devido aos traumas que passou com o campo de concentração e o exílio de seu país, acabou ficando sozinha devido à falta de conhecidos e por acomodar-se com a vida de

toda noite estar em uma cama diferente, mas ao longo dos anos passou a ter companhia apenas do “tabaco y el licor” (ROFFÉ, 2004, p. 21).

Ao contrário da senhora do B, temos a jovem Teresa do conto *Linea de flotación*, que fazia das curtas viagens pequenos prazeres para serem apreciados e vivenciados enquanto durasse todo o percurso, “trasladarse en tren le gustaba” (ROFFÉ, 2004, p. 27). Seus momentos de lazer surgiam assim que ela saía de casa e encontrava lugares calmos, percebemos isso no trecho:

[...] el viaje representaba para ella, que nunca había salido de Madrid y sus aledaños, un pasaje hacia algo que suponía mejor, el tránsito que le permitía oír una melodía incidental, el preludio de una aventura encapsulada en un periodo de tiempo que discurre sobre rieles, sin sobresaltos. Abstraída de la gente, se centraba en esa extraña armonía que crecía en su interior a medida que el tren avanzaba. Llegó a Móstozes transportada por una música celestial que solo ella oía. (ROFFÉ, 2004, p. 27)

Por carregar uma enorme responsabilidade desde os 17 anos, Teresa buscava se concentrar em si mesma, apreciando as melodias que imaginava em sua cabeça, devido a sua paixão por música clássica.

Os pequenos percursos nos vagões dos trens lhe permitiam ainda pensar na tranquilidade do mar, lugar que nunca teve a oportunidade de conhecer pessoalmente, mas não deixava de sonhar e buscar constantemente ligações com o lugar de origem da sua mãe, que teve a morte causada pelo seu marido, e o conto abre uma brecha para imaginar que a mãe da jovem poderia ter sido exilada de seu lugar de origem, para viver com um homem que a maltratava e permanecer em uma sociedade hetero-dominante, uma vez que, a jovem relata a brutalidade de seu pai, desde que se lembrava dos tratamentos que sua mãe recebia do mesmo.

Imediatamente, é possível compreender que a solidão para Teresa é o seu refúgio, sempre que tem oportunidades busca lugares silenciosos para ficar sozinha e poder sonhar e pensar no que fazer da sua vida, mesmo que sejam raros os momentos que consiga estar sozinha, pois por onde passa sempre aparece alguém que fala alto e tem atitudes machistas como seu pai, e são coisas que ela odeia. Mas diferentemente das outras personagens ela vê a solidão como tranquilidade para a vida.

Trazendo aspectos da sociedade hetero-dominante, podemos ponderar que Silvita em *El rufián melancólico*, percebe que é silenciada e que suas decisões são tomadas a partir de outras pessoas, principalmente homens, “agarrá viaje, nena -insistió-. Vos sabés que acá todo es muy inestable. Nunca se sabe lo que va a pasar. Hoy tenés laburo, pero mañana

¿qué?” (ROFFÉ, 2004, p. 34). Silvita pensa, mas com a irresistível proposta “probá un año. ¡Un año en Europa, querida... vos sí que no sabés la suerte que tenés!” (ROFFÉ, 2004, p. 34), é tentada a mudar de país por melhores qualidades de vida, assim, sai de seu lugar seguro, como é exposto a seguir:

“En efecto, no tenía idea de la suerte que me esperaba. Yo solo tuve que hacer una llamada telefónica para que Fernández prometiera arreglármelo todo: casa, trabajo y recibimiento en Barajas. Pero llegué a mediados de agosto y Fernández estaba de vacaciones.” (ROFFÉ, 2004, p. 35)

Demonstra assim o quanto foi fácil ser ludibriada por palavras bonitas e gestos gentis, para ser usada como um pedaço de carne, pois, quando chegou a “un lugar llamado Buñol, cerca de Valencia” (ROFFÉ, 2004, p. 36), e percebeu a sua rotina e as pessoas que estavam a lhe fazer companhia, entendeu o lugar em que se meteu, um bordel, disfarçado de empresa de comunicação. Naquela noite “sola, triste y abandonada a las indigencias de mi pieza en el hostal” (ROFFÉ, 2004, p. 37), começa a perceber o quanto estava sozinha, distante de casa e daqueles que ela conhecia, estava em um novo ambiente, com outra rotina e com pessoas que foram iludidas e esquecidas para serem usadas apenas pelos seus corpos.

Desta forma, percebemos que as protagonistas vêem esses deslocamentos das mais diversas maneiras, enquanto uns são prazerosos, outros são uns verdadeiros martírios. Essas mulheres invisíveis para os demais, perpassam em si mesmas a solidão e o desamparo em que estão imersas. María R vê a sua vida como um deserto, onde prevalecem a escuridão e o isolamento. Já Tia Reche, a cada contato com as pessoas, se torna mais solitária, igual a uma ave rara e singular. Tal qual Teresa, vive a imaginar um mundo alternativo, construído de grandes aspirações de liberdade e silêncio. Imediatamente a velha senhora do B, demonstra a solidão e o silêncio profundo em que vive. Por fim, em *el rufián melancólico*, Silvita denuncia a impunidade e a violência sutil impostas pelo Sr. Fernandez. Percebemos assim, que todas essas protagonistas são postas à margem, silenciadas e conseqüentemente solitárias, cada uma à sua maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres que se portam diferentes dos demais são consideradas como Roffé nomeia sua obra, *raras*, e quando vamos buscar o significado desta palavra pela RAE, temos a definição de “que se comporta de un modo inhabitual” ou “extraordinario, poco común o frecuente”, ou seja, são consideradas estranhas por não se adequarem aos padrões sociais estabelecidos pelo sistema hetero-dominantes. A vista disso, Reina Roffé descreve em *Aves Exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras* (2004), histórias de mulheres que sofrem devido à família, o abandono e a política.

Isto posto, esclarecemos que este trabalho se propôs a refletir a respeito das reverberações da década de 1960, o *boom* literário latinoamericano, bem como a escrita de autoria feminina. Dessa maneira, depois desta breve contextualização, agregamos a este documento uma análise dos contos que pertencem ao livro supracitado, com o objetivo de refletir a respeito dos silenciamentos impostos pelo exílio, assim como, a caminhada solitária das protagonistas exiladas.

Assim sendo, destacamos que a escrita deste trabalho de conclusão ampliou o prisma de entendimento acerca do que é literatura e das possibilidades que dela fluem. Da mesma forma, nos possibilitou distinguir as nuances do exílio, do mesmo modo que dilatou nosso conhecimento a respeito de autoria feminina. Diante do descrito, consideramos que a oportunidade de ler esta obra, nos ajuda a refletir a respeito das realidades pouco conhecidas, devido a um apagamento historiográfico das testemunhas dos traumas coletivos. Logo, entendemos que Roffé utiliza elementos factuais e ficcionais dentro de sua escrita para materializar a dor da expatriação.

Além disso, oferecemos para o campo da Crítica Literária contribuições para futuras pesquisas acerca do tema que discutimos ao longo deste estudo. Por isso, consideramos que nosso trabalho contribui para uma visão mais ética e generosa das relações humanas, por nos possibilitar repensar os eventos traumáticos silenciados ao longo da história e, mediante a isso, buscar a construção de uma nova responsabilidade coletiva.

BIBLIOGRAFIA

ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.** Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p.229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 13 de mai. de 2021

AVELAR, Idelber. **Cânone Literário e Valor Estético: notas sobre um debate de nosso tempo.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 11, n.15, p. 113-150, 2009.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1967.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: _____. Magia e técnica, arte e política. Tradução de Jeanne Marie Gagnebin e Sérgio Paulo Rouanet. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 197-221.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Trad. Maria Kelená Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRITO, M. G. C. **Literatura de Autoria Feminina na América Latina.** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/14541/1/MGCBrito.pdf>. Acesso em 16 de ago. de 2021.

CATTARULLA, Camila. **Mulheres à beira do “limiar”:** Aves exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras: por Reina Roffé. Universitá Degli Shudi di Milano. 2014.

COSTA, Adriane Vidal. **O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho de 2001. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848079_ARQUIVO_TextoANPUHADrianeCosta.pdf. Acesso em 1 jun. 2021.

COSENTINO, Gatón. **A nudez, viva voz.** Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, Universidade Federal de Santa Catarina, agosto de 2010.

DONOSO, Jose. **Historia personal del boom.** Santiago de Chile: Alfaguara, 1998.

EXÍLIO. In: Aurélio, Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Positivo, 2021. Disponível em: <https://editorapositivoaurelio.page.link?apn=br.com.editorapositivo.aurelio&ibi=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link&link=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link%2Fentry%2F59636>. Acesso em 20 de set. de 2021.

EXÍLIO. In: RAE, Real Academia Española. 2021. Disponível em: <https://dle.rae.es/exilio>. Acesso em 20 de set. de 2021.

GARCÍA MÁRQUEZ. **Entrevista.** In: As históricas entrevistas da Paris Review II. Seleção Marcos Maffei. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p. 323-342.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://filipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 20 de mai. de 2021

MACHADO, Ana Maria. **Tropical sol da liberdade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MALDONADO, Gabriela; CARDOSO, Marta Rezende. **O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias**. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 45-57, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/DzyPGRYMLrF9mnZxy8ZfB7J/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 19 de set. de 2021.

MALVA, Mirada. **Reina Roffé: La rompiente y Aves exóticas traducidas al italiano**. Publicado em novembro de 2010. Disponível em: <https://miradamalva.blogspot.com/2010/11/reina-roffe-la-rompiente-y-aves.html> Acesso em 12 de set. de 2021.

MENDEZ, Nadia Vannesa. **La construcción de la mujer y la situación de exilio en Aves Exóticas de Reina Roffé**. *Estudios de Teoría Literaria - Revista Digital: artes, letras y humanidades*, Mar del Plata - Argentina, 2015, v. 4, n° 8, p. 167-179. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/etl/article/view/1045/1314> Acesso em 02 de set. de 2021.

NETO, Raphael Coelho. **O papel dos intelectuais e a literatura de resistência política na revista Literatura Chilena en el Exilio**. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ISSN 1679-1061, No. 19, p. 152-185, jul./dez., 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história sobre as mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. Editora Contexto. São Paulo, 2007.

RAMA, Angel. **La Crítica de la Cultura en América Latina**. Selección y prólogos de Saul Sosnovvski y Tom as Eloy Martinez. Caracas; Biblioteca Ayacucho, 1985. Disponível em: <https://books.google.hn/books?id=6VR118nAF74C&printsec=copyright#v=onepage&q&f=false> Acesso em 10 de mai. de 2021.

_____, Angel. **La riesgosa navegación del escritor exiliado**. Nueva Sociedad, Buenos Aires - Argentina, n° 35, mar./abr. 1978. Disponível em: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/406_1.pdf Acesso em 15 de set. de 2021.

_____, Ángel. **El Boom en perspectiva**. La crítica de la cultura en América Latina. Tradução: Susana Kerschner. Biblioteca Ayacucho, S/D. p. 266-306. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/rama/rama.pdf>. Acesso em 20 de mai. de 2021.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo horizonte: Editora UFMG, 2002.

ROFFÉ, Reina. **Aves Exóticas. Cinco cuentos con mujeres raras**. Editorial Leviatán, Buenos Aires - Argentina, 2004. p. 43.

_____, Reina. **Reina Roffé escritora y periodista**. [Entrevista concedida a] Carmen Aguirre. Punto y coma - Digital, Madri - Espanha, 2017, nº 66, p. 48.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt> Acessa em 19 de set. de 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart; Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na história das mulheres**. Universidade Federal da Grande Dourados. Raído, Dourados, MS, v. 10, jan./jun. 2016.

VIDAL, Paloma. **A história em seus restos: literatura e exílio no Cone Sul**. São Paulo: Annablume, 2004. 98 p.

WAQUIL, Marina Leivas. **O boom latino-americano: recepção e tradução**. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul - UFRGS. *Translatio*, nº 1, 2014. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/50907/31685> Acesso em 13 de mai. de 2021.

WOOLF, V. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.